

Variação dialetal, profundidade cultural e tradução em *O senhor dos anéis*

Resumo: O emprego cuidadoso de oralidade e variantes dialetais é uma das características mais importantes da prosa e da poesia no clássico da literatura de fantasia *O senhor dos anéis*, de J.R.R. Tolkien. Ao estruturar seu continente ficcional da Terra-média como o lar de um grande número de etnias humanas e não-humanas, Tolkien utiliza marcadores como vocabulário próprio, uso divergente de estruturas gramaticais e oralidade poética para criar a ilusão de uma longa história de contatos e conflitos entre culturas, solidificando o “efeito de real” de sua obra. Neste trabalho, mostro como essa estrutura cuidadosamente talhada se perde em duas traduções brasileiras de *O senhor dos anéis*, que optam por apagar ou atenuar as diferenças lingüísticas entre as várias culturas do universo tolkieniano.

Palavras-chave: profundidade cultural, tradução, *O senhor dos anéis*, hobbits, orcs.

Abstract: The careful use of orality and dialect is one of the most important features of poetry and prose in *The lord of the rings*, J.R.R. Tolkien's masterpiece of heroic fantasy. Tolkien imagined the fictional continent of Middle-earth as the home of a huge number of human and non-human ethnic groups and employed techniques such as distinctive vocabularies, divergent use of grammar and poetic orality to create an illusion of a long history of contact and conflict between cultures, thereby enhancing Middle-earth's status as a world in its own right. I show how this carefully crafted framework is shattered in two Brazilian translations of *The lord of the rings*, both of which having decided to erase or blur the linguistic differences between the numerous cultures in the Tolkienian world.

Keywords: cultural depth, translation, *The lord of the rings*, hobbits, orcs.

1. Introdução

A obra de ficção do romancista e filólogo britânico J.R.R. Tolkien (1892-1973) continua a ocupar um lugar único entre a literatura de fan-

tasia, seja por sua posição de permanente proeminência no gosto do público, seja por seu papel de paradigma. Mesmo quando um autor busca ironizar ou subverter os ditames do gênero, a obra tolkieniana tende a permanecer no pano de fundo como um marco a ser suplantado, ou com o qual se dialoga. As razões que explicam essa permanência são variadas. No entanto, não seria simplificador demais afirmar que um dos principais fatores por trás dela é o poderoso “efeito mitológico” conjurado pela narrativa de Tolkien, em especial nos textos que o autor apelidou de *legendarium* da Terra-média. Nessas narrativas, das quais o romance *O senhor dos anéis* é o expoente mais acabado, Tolkien chegou muito perto de criar, com grau impressionante de detalhe, o equivalente ficcional de uma mitologia completa, dos textos teocosmogônicos familiares ao leitor da Bíblia ou de Hesíodo a um esboço – nunca completado – de narrativa escatológica, que mescla influências do Ragnarok islandês antigo e da tradição apocalíptica judaico-cristã.

A recriação mitológica, se analisada detidamente, revela-se um caso especial de uma característica mais geral da obra de Tolkien, apelidada pelo filólogo Tom Shippey – um tanto vagamente, é verdade – de “profundidade cultural incomum”. Com essa expressão, Shippey se refere a uma série de procedimentos tolkienianos cuja função é *simular* camadas estratigráficas de diversidade cultural, história e mito por trás do que está se desenrolando na trama mais imediata. Defrontado com esses procedimentos, o leitor torna-se capaz de intuir a existência pregressa de um considerável conjunto de acontecimentos históricos, mitológicos e lingüísticos. Com algum grau de exagero, comentaristas variados da obra tolkieniana chegaram a afirmar que o autor se tornou, em algumas décadas, o equivalente de um povo inteiro, justamente por ser capaz de colocar de pé esse edifício de profundidade cultural simulada.

Grandiloquência à parte, a afirmação faz sentido: os tijolos do edifício ficcional tolkieniano estão dispostos de tal maneira que seu efeito sobre o leitor é o de um *equivalente funcional* da história, da mitologia e da evolução lingüística “reais”. Daí deriva, em parte, sua força imaginativa. O presente trabalho pretende abordar a interface entre uma dessas grandes facetas de profundidade cultural simulada – o uso de variantes lingüísticas diferentes para o registro oral de cada um dos grupos étnicos e culturais da Terra-média ficcional de Tolkien – e sua manifestação (ou, para ser mais preciso, a falta dela) nas traduções brasileiras de *O senhor dos anéis*. Pretendo demonstrar que a diversidade de modalidades lingüísticas no texto original de Tolkien, que é importante justamente como marcador da história prolongada e das

diferentes culturas de seu mundo ficcional, é minimizada ou totalmente apagada nos textos traduzidos. É difícil determinar com precisão as causas desse tipo de fenômeno, mas uma hipótese de trabalho razoável, aqui proposta apenas de passagem graças à evidência apenas anedótica disponível a esse respeito, envolve dois fatores. O primeiro, e talvez menos importante, é a dificuldade de encontrar equivalentes viáveis para a oralidade do mundo de Tolkien; o segundo, e possivelmente determinante, tem a ver com as restrições impostas ao que é considerado “palatável” pelo mercado editorial brasileiro numa tradução, em especial num texto traduzido cujo destinatário é o público “de massa”, e não o consumidor de literatura de gosto supostamente mais refinado que desejaria abraçar uma versão estrangeirizadora de, digamos, *Finnegans Wake*. Em outras palavras, desvios muito gritantes no que se considera a norma do português escrito, ainda que sob a justificativa de recriar de forma acurada o texto na língua de partida, acabam sendo barrados quando se trata de um autor “não-canônico” como Tolkien. Deixemos, no entanto, a discussão mais detalhada dessa hipótese de natureza quase sociológica, que deve muito à idéia de um sistema de normas de tradução proposto por Gideon Toury, para uma próxima oportunidade.

Para a presente análise, será utilizado o texto integral de *O senhor dos anéis* na edição inglesa em volume único de 1995, o qual será comparado com a presente edição brasileira em volume único, publicada em 2001 e traduzida por Lenita Maria Rímoli Esteves e Almiro Pissetta, e uma nova tradução do livro, ainda inédita, a cargo de Waldéa Barcellos e Ronald Kyrmse. Como revisor técnico, tive acesso a cerca de dois terços dessa nova versão – certamente o suficiente para esse tipo de análise. A comparação, de qualquer maneira, deve se centrar na primeira tradução brasileira, com instâncias acessórias na segunda. Antes de chegar ao cotejamento e análise das traduções, no entanto, é importante esclarecer como se estrutura a diversidade lingüística e as expressões de oralidade dentro da ficção de Tolkien, e quais instâncias dela são especialmente interessantes para este trabalho.

2. Popular, dialetal, poético

Grosso modo, pode-se dizer que as variantes lingüísticas de Tolkien se situam num *continuum* que vai de formas dialetais a mudanças de registro de fala (do informal para o altamente formal e poético). De uma forma ou de outra, todas incorporam elementos de oralidade,

tais como pronúncia “desviante” do que poderíamos considerar a norma culta da língua inglesa, uso divergente de estruturas gramaticais (conjugação idiossincrática de verbos, dupla negação – normalmente barrada no inglês) e sintaxe que foge à ordem padronizada SVO (sujeito-verbo-objeto), a mais comum no idioma natal do escritor. Nesse último caso, inversões ou aparentes “truncamentos” da ordem SVO podem refletir tanto a fala “dialetal” e/ou popular quanto a intrusão da linguagem poética tradicional no discurso direto dos personagens.

Vale ressaltar que todas essas variações não são aleatórias, ou formas ahistóricas de diversidade lingüística. Pelo contrário: elas encarnam uma associação estreita com os diversos povos e culturas que habitam a Terra-média de Tolkien. Na verdade, a explicação para essas variedades lingüísticas é bastante elaborada e ocupa a metade do Apêndice F de *O senhor dos anéis*, levando o subtítulo *On translation*, ou *Da tradução* na versão do livro atualmente disponível no Brasil. Explica-se: usando o artifício já consagrado da pseudotradução, o autor britânico apresenta seu livro como sendo, ele próprio, o texto traduzido e adaptado de um antigo manuscrito da Terra-média, o chamado Livro Vermelho do Marco Ocidental. Nesse caso, o inglês (e, nas nossas traduções, o português) de *O senhor dos anéis* estaria apenas representando o westron, ou Língua Geral, idioma que teria sido predominante no Ocidente da Terra-média na época em que a trama se passa.

Como é de conhecimento geral, Tolkien se deleitava com a criação de idiomas ficcionais, tendo arquitetado pelo menos dois deles (as chamadas “línguas élficas” conhecidas como quenya e sindarin) em grau de detalhe suficiente para que fôs da obra consigam compor poesias curtas ou textos simplificados em prosa com eles. O westron tem uma existência bem menos palpável – apenas algumas palavras nos foram legadas pelo autor. No entanto, a incorporação desse idioma à “ficção da tradução” tolkieniana forneceu os alicerces para explicar e historicizar a presença da diversidade lingüística na Terra-média. É que, na história imaginada pelo autor, o westron é originalmente uma língua humana, falada pela etnia conquistadora dos numenoreanos, os quais fundaram reinos e entrepostos comerciais por todo o Ocidente da Terra-média, de maneira análoga ao acontecido durante a formação do império colonial português na África e na Ásia ao longo do século XVI. Nos cerca de 3.000 anos de história imaginária que antecederam a ação principal de *O senhor dos anéis*, o westron se tornou a língua franca de toda essa região, equivalente em área à Europa entre as Ilhas Britânicas e o estreito de Dardanelos. Inevitavelmente, porém, ao entrar em con-

tato com os idiomas humanos e não-humanos anteriormente presentes nessa vasta região (já que a Terra-média também era habitada por uma série de espécies inteligentes distintas da nossa), o westron foi sendo modificado de forma desigual pelos diversos substratos lingüísticos, adquirindo tanto empréstimos “eruditos” das línguas élficas quanto variantes regionais “populares”.

Esse cenário ficcional cuidadosamente traçado é a desculpa perfeita para que Tolkien, filólogo de formação com grande interesse pelos dialetos regionais e pela toponímia de língua inglesa, incorpore elementos de oralidade “do mundo real” no discurso direto de seus personagens. Para ser mais específico, é possível notar duas influências filológicas na maneira como os personagens da Saga do Anel (como também é conhecida a obra magna de Tolkien) falam: o dialeto rural das Midlands Ocidentais, onde Tolkien passou a maior parte de sua infância; e a literatura em inglês antigo, ou anglo-saxão, representada por textos como o épico medieval *Beowulf* e objeto de grande parte do trabalho acadêmico do escritor na Universidade de Oxford. A primeira influência é preponderante no que poderíamos chamar de representações da fala popular e/ou “desviante” do westron na obra, enquanto a segunda impacta de forma profunda os momentos em que, de improviso, especialmente em ocasiões solenes ou públicas, os personagens ecoam a(s) tradição(ões) poética(s) da Terra-média. Nesses casos, acontece até de o discurso direto em “prosa” corresponder diretamente à chamada rima aliterativa, a forma poética (não-rimada, apesar do nome um tanto enganador) predominante na Inglaterra durante o período anglo-saxão, do século VI ao XI. Apesar da formalidade, trata-se também, poderíamos afirmar, de uma poesia de matiz “homérica”, fortemente baseada em elementos da cultura oral. Conforme mencionado acima, tanto os dialetos “populares” quanto as tradições “épicas” da Terra-média têm como ponto de contato o uso de uma ordem “afetiva” ou divergente dos elementos sintáticos,

Para a presente análise, os exemplos escolhidos representam as variantes culturais da Terra-média que mais trazem à tona esses elementos de oralidade, e que, coincidentemente, tendem a ser os mais negligenciados pelas traduções. Do lado das variantes dialetais, o exemplo mais marcante é o da fala “popular” dos hobbits, a mais marcada pelo contato de Tolkien com a oralidade das Midlands Ocidentais (região do curso médio do rio Tâmsa, nas vizinhanças de Oxford e Birmingham). Não é à toa que o autor resolveu atribuir esses traços lingüísticos aos hobbits: na verdade, o “Povo Pequeno” da ficção tolkieniana

habita uma versão idílica e romantizada da Inglaterra eduardiana, formada exclusivamente por pequenos vilarejos, bosques e fazendas – daí seu perfil de ingleses rurais. Alicerçando essas características em sua história ficcional, eis o que autor diz: “Os hobbits (...) tinham nessa época adotado a Língua Geral havia provavelmente mil anos. Usavam-na a seu próprio modo, livre e descuidadamente, embora os mais eruditos entre eles ainda tivessem o domínio de uma língua mais formal, quando a ocasião a exigia. (...) A maioria dos hobbits, na verdade, falava um dialeto rústico, enquanto em Gondor e Rohan [reinos humanos] se usava uma linguagem mais arcaica, mais formal e mais concisa” (Tolkien, 2001).

E é justamente essa “linguagem mais arcaica, mais formal e mais concisa”, marcada pela oralidade “poética”, que também é “diluída” na tradução. Esse é um dos casos mais férteis para a análise que virá a seguir, mas também é interessante mencionar outra variante com traços de oralidade, desta vez envolvendo os orcs, criaturas pertencentes a uma raça guerreira e destrutiva que funciona como tropa de choque e bucha de canhão dos vilões de *O senhor dos anéis*. Os orcs apresentam uma variante dialetal estranhamente “modernizada” e “militarizada”, a qual, por isso mesmo, destoa dos demais falares da Terra-média. Tolkien utiliza alguns procedimentos formais sutis, mas eficazes (a elisão freqüente de pronomes, por exemplo, e um ritmo de fala em *staccato*) para caracterizar a cultura orc, e esses traços, como nos dois outros casos mencionados acima, também tendem a ficar borrados nos textos traduzidos. A respeito dos orcs, o “tradutor-autor” escreve, ainda no Apêndice F: “Mas os orcs e os trolls falavam de qualquer maneira, sem amor pelas palavras ou pelas coisas; e sua língua na verdade era mais degradada e imunda do que a representei. Não acho que alguém deseje uma descrição mais próxima, embora seja fácil encontrar modelos. Em geral, pode-se ainda ouvir o mesmo tipo de fala entre os que têm mentes de orcs; enfadonha e repetitiva, cheia de ódio e desprezo, há demasiado tempo afastada do bem para manter até mesmo o vigor verbal, exceto aos ouvidos daqueles para quem somente o sórdido soa vigoroso” (Tolkien, 2001).

Esses elementos serão analisados individualmente, a começar pelos traços de oralidade na fala hobbit e sua reprodução (ou não) na língua de chegada. Salvo quando indicado, todos os exemplos são de discurso direto.

3. Hobbits: O discreto charme do campesinato

Tolkien usa uma série de procedimentos, que começam no nível da pronúncia e escolha vocabular e “sobem” até o nível da sintaxe,

para caracterizar a fala dos hobbits. Não que, dentro da “etnia” (se é que a palavra pode ser usada para designar tais personagens), não haja algum grau de variação. De fato, a classe alta hobbit também domina o westron “clássico” falado por elfos e humanos de Gondor e Rohan. Mesmo assim, pode-se considerar que o falar hobbit típico é marcado por um conjunto de procedimentos lingüísticos “dialetais”, entre os quais podem ser citados o uso freqüente da dupla negativa, “erros” de conjugação verbal (trocando a primeira pela terceira pessoa do singular nos verbos auxiliares e principais ingleses, por exemplo), sinônimos “rústicos” ou arcaizantes para palavras de uso comum, emprego freqüente de provérbios e expressões de sabedoria popular e ritmo de fala que poderia ser descrito, de forma, admito, um tanto impressionista, como “prosa de matuto”.

Os exemplos abaixo, espero, devem deixar mais claras essas características. Eles serão seguidos das versões apresentadas pelas duas traduções brasileiras.

A) “A decent respectable hobbit was Mr. Drogo Baggins; there was never much to tell of him, till he was drowned.”

Um hobbit decente e respeitável, o Sr. Drogo Bolseiro; nunca houve o que dizer dele, até que morreu afogado. (Edição de 2001)

Aqui, é interessante levar em conta dois detalhes. Para suavizar a inversão (“Um hobbit decente e respeitável era o Sr. Drogo Baggins”, literalmente), a tradução retira o verbo e insere a vírgula, uma alteração sutil, mas significativa, no ritmo da frase. Além disso, o original usa a forma não-padrão *drowned* (o “correto” seria *drowned*), de forma que não há tentativa de reproduzir esse sabor dialetal na língua de chegada.

B) “Don’t go getting mixed in the business of your betters, or you’ll land in trouble too big for you, I says to him.”

Não vá se misturar com os negócios que não são para o seu bico, ou você vai arranjar problemas muito grandes para você, digo eu para ele. (Edição de 2001)

Aqui, fica clara a preferência por uma forma que já está dentro da “zona de conforto” idiomática do leitor (em vez de “os negócios dos seus superiores/melhores”, usa-se “negócios que não são para o seu bico”). Também não se tenta reproduzir o “erro de conjugação” de *I says to him*.

C) “Lor bless you, Mr. Gandalf, sir!”

Abençoado seja, Sr. Gandalf, senhor! (Edição de 2001)

Embora a tradução reproduza com razoável grau de precisão o ritmo desordenado e repetitivo da fala hobbit, é curiosa a hipercorreção de “Abençoado seja” perto da corruptela *Lor bless you* do original.

D) “I’d give a lot for half a dozen taters.”

Daria qualquer coisa por meia dúzia de batatas. (Nova tradução)

De novo, faz-se presente a tentativa de “normalizar” a expressão para algo facilmente reconhecível na língua de chegada (em vez de “daria um bocado”, “daria um monte”, a preferência é por “daria qualquer coisa”). Mais importante ainda, a palavra dialetal *taters* para batatas é assimilada ao equivalente tradicional em português. No entanto, essa assimilação desfaz o contraste com a palavra mais comum em inglês (*potatoes*), a qual é utilizada de forma zombeteira logo depois no texto.

Outros exemplos poderiam ser citados, mas o resultado líquido de todos esses pequenos detalhes acaba sendo o de reduzir ou apagar as diferenças entre a fala dos hobbits e a das demais culturas da Terra-média, com um impacto indireto, mas significativo para o leitor atento, sobre a ilusão de profundidade cultural que é um dos grandes trunfos da narrativa de *O senhor dos anéis*.

4. Orcs: Escopetas verbais

Não é surpresa que uma raça criada por “engenharia genética mágica” para servir exclusivamente como bucha de canhão militar use seu idioma como uma espécie de alinhavado de despachos do front – e é exatamente isso o que se verifica com os orcs na narrativa de *O senhor dos anéis*. Concisão e brutalidade (embora não palavras de baixo calão) também caracterizam a oralidade orc – é difícil que qualquer sentença se espalhe por mais de cinco ou seis palavras.

Curiosamente, no entanto, esses detalhes são sistematicamente suavizados pelas traduções brasileiras, conforme exemplificado abaixo.

A) “How do you folk like being called swine?”

Pessoal, o que vocês acham de ser chamados de porcos? (Nova tradução)

O uso da vírgula quebra a cadência direta da fala orc, e o vocativo “pessoal” não tem a impessoalidade (sem trocadilho) e a conotação quase enraivecida do monossílabo inglês *folk*. Teria sido melhor omitir a palavra na língua de chegada, optando por um fraseado mais conciso.

B) “Someone else will die too.”

Outras pessoas morrerão também. (Nova tradução)

Coincidência ou não, o campo semântico de “pessoa” retorna aqui, como na tradução anterior – o que parece um equívoco, mais uma vez, porque o elemento central da frase é justamente sua *impessoalidade* – “alguém mais vai morrer”. “Vai morrer”, aliás, talvez fizesse mais jus ao ritmo do fraseado original, já que o inglês só possui a forma composta, com verbo auxiliar, do futuro. Na boca de um orc, “morrerão” soa educado demais.

C) “What are they wanted for? Do they give good sport?”

Querem os meões para quê? Para se divertir com eles? (Nova tradução)

Aqui, o texto na língua de chegada se rende à tentativa de explicitar o que está implícito no original (que usa um mero “eles”, referindo-se aos “meões”, ou seja, os hobbits) e a reordenar a sintaxe bruta, agreste do texto da língua de partida. “São/Dão diversão boa?” estaria bem mais perto do “ritmo orc”.

D) “They’re the apple of the Great Eye.”

Eles são o xodó do Grande Olho. (Nova tradução)

Esse último exemplo é uma instância clássica de sair da frigideira e cair no fogo. O trocadilho em inglês está suficientemente claro: o Grande Olho (metonímia do vilão-mestre Sauron, cujo brasão é o Olho Sem Pálpebras) tem como “menina dos olhos” os personagens mencionados. Talvez para evitar a associação com “meninas” de verdade, a tradução opta por “xodó”, cujas associações semânticas “fofinhas” são tão ou mais impróprias.

Em conjunto, o discurso direto colocado na boca dos orcs é menos “dialetal” que o dos hobbits, mas o emprego cuidadoso de vocabulário e ritmo é capaz, ainda assim, de torná-lo distintivo quando comparado ao dos demais povos da Terra-média. A suavização do falar orc na tradução deixa essa distinção menos clara e contribui para diminuir a complexidade lingüística e cultural de *O senhor dos anéis*.

5. A tradição épica oral da Terra-média

Do ponto de vista estilístico, a oralidade poética é talvez o recurso mais interessante em *O senhor dos anéis*, com inspiração direta na rima aliterativa anglo-saxã (empregada em épicos antigos como *Beowulf* e, no século 20, recuperada por figuras como Ezra Pound e W.H. Auden). Embora a tecnologia da escrita seja conhecida e empregada na Terra-média de Tolkien, as culturas do continente ficcional ainda são largamente orais, e o autor usa essa condição como um mecanismo para inserir elementos da tradição poética germânica na maneira como os personagens “de alta estirpe” dos reinos humanos de Gondor e Rohan falam.

A sintaxe, nesse caso, é fortemente influenciada pela do inglês antigo, mesmo em prosa. Como língua sintética, tal qual o latim ou o grego, o inglês antigo possuía ordem sintática relativamente livre, mas há uma preferência ligeiramente acentuada pela colocação do objeto direto ou dos adjuntos no começo da frase. Também é freqüente o emprego da aliteração nas sílabas tônicas das palavras, uma das características definidoras da chamada rima aliterativa que parece “vazar” mesmo para textos em prosa. Tanto em inglês quanto em português modernos, essas características soam estranhas; o que as traduções fazem, em geral, é suavizar essa estranheza, como demonstro nos exemplos a seguir.

A) *Éowyn I am, Éomund's daughter.*

Sou Éowyn, filha de Éomund. (Tradução de 2001)

Esse exemplo é particularmente importante porque, falando “em prosa” durante um momento crucial da narrativa, a personagem Éowyn emite dois perfeitos hemistíquios, ou “meias-linhas”, em rima aliterativa anglo-saxã. (A aliteração, no caso, é feita pelas duas vogais tônicas na primeira metade da frase, anterior à cesura marcada pela vírgula, e pela vogal tônica em “Éomund” na segunda metade da frase. Em inglês antigo, diz-se que vogais também aliteram, desde que sejam tônicas, ao contrário da poesia em português, na qual apenas consoan-

tes são consideradas aliterantes.) Para ser mais preciso, a primeira metade da frase é um hemistíquio do tipo E e a segunda é um hemistíquio do tipo A segundo os critérios da rima aliterativa anglo-saxã: o tipo E é marcado por uma sílaba tônica, outra de tonicidade intermediária, uma sílaba átona e finalmente outra tônica, enquanto o tipo A se caracteriza por duas sucessões consecutivas do par tônica/átona (como num troqueu).

O importante, para que a estrutura poética permaneça, é que as aliterações permaneçam em posições equivalentes, e em especial que a aliteração na segunda metade da frase seja a primeira sílaba tônica dela. Ao não perceber esse detalhe, a tradução joga por terra a estrutura de rima aliterativa da frase, além de “normalizar” a sintaxe. Uma tradução que preservasse esses detalhes teria de ser algo na linha “Éowyn eu sou, de Éomund filha”.

B) *Vain was Gandalf's trust in me.*

A confiança que Gandalf depositou em mim foi em vão. (Tradução de 2001)

O caso é simples, mas interessante: “Vã foi a confiança de Gandalf em mim” seria a tradução mais correta, literal e, por que não dizer, até mais descomplicada de fazer. Ao colocar o predicativo do sujeito em primeiro lugar, o fraseado emprestado do inglês antigo põe em relevo o que realmente importa na frase. A tradução, no entanto, prefere deixar a sintaxe menos estranha e ser mais explicativa.

C) *Helm for Théoden King!*

Helm pelo Rei Théoden! (Tradução de 2001)

O diabo está sempre nos detalhes. Em vez de optar pelo mais literal e esquisito (tanto em português quanto em inglês moderno) “Théoden Rei”, a tradução coloca as palavras na ordem esperada pelos nossos ouvidos. No entanto, deixa de lado o fato de que, em inglês antigo, a “ordem esperada” era justamente essa. A Crônica Anglo-Saxã, que relata os feitos dos reis ingleses antes da conquista normanda da Inglaterra em 1066, refere-se exatamente desse jeito aos soberanos: o Rei Alfredo, o Grande é *Aelfred cyning* na Crônica. De certa forma, a referência ao monarca é “des-historicizada” na língua de chegada.

D) *Ere the fathers of our fathers rode into the Mark.*

Antes que os pais dos nossos antepassados chegassem à Terra dos Cavaleiros.
(Nova tradução)

O que aparece de forma mais saliente aqui é um certo grau de intolerância com a concretude e o caráter um tanto repetitivo da “oralidade poética” em *O senhor dos anéis*. “Os pais de nossos pais” obviamente não são os avós, e um leitor perceptivo e familiarizado com esse tipo de linguagem não teria problemas em entender o contexto, mas a tradução prefere explicar o máximo possível e opta por “antepassados”. Outro detalhe interessante é a transformação de *Mark* em “Terra dos Cavaleiros”. A palavra *Mark* é empregada com frequência por Tolkien, até por ecoar a Mércia, região do centro-oeste da Inglaterra que englobava as Midlands Ocidentais durante o período anglo-saxão. O significado original é “região de fronteira”, mas a tradução opta mais pela clareza do que pela expressão nuançada.

6. Conclusão

Espero que, tomados no conjunto, os exemplos citados acima falem por si sós. O estereótipo da literatura de fantasia como mero “contar de histórias” cai por terra quando se leva em conta a delicada estrutura de diversidade cultural, apoiada basicamente em detalhes lingüísticos, sobre a qual se ergue a narrativa de Tolkien. Os elementos de oralidade e, por que não dizer, de tradição oral são fundamentais para que ela funcione. Ignorá-los equivale a um empobrecimento da experiência do leitor e da sua capacidade de apreender as conexões entre os andares desse edifício literário.

Referências

- Anderson, Douglas (org.). *The annotated hobbit*. Londres: Harper Collins, 2003.
- Bassetto, Bruno Fregni. *Elementos de filologia românica*. São Paulo: Edusp, 2001.
- Carpenter, Humphrey (org.). *The letters of J.R.R. Tolkien*. Londres: Harper Collins, 1995.
- Fauskanger, Helge Kare. *Curso de quenya – a mais bela língua dos elfos*. Curitiba: Arte & Letra, 2004.
- Godden, Malcolm e Lapidge, Michael (org.). *The Cambridge companion to Old English literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- Gonçalves, Dircilene Fernandes. *Pseudotradução, linguagem e fantasia em O senhor dos anéis, de J.R.R. Tolkien*. 229 f. Dissertação de mestrado, Departamento de Letras Modernas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo, 2007.

- Shippey, Tom. *The road to Middle-earth: how J.R.R. Tolkien created a new mythology*. Londres: Harper Collins, 1992.
- Tolkien, J.R.R. *The hobbit*. Londres: Harper Collins, 1996.
- _____. *The lord of the rings*. Londres: Harper Collins, 1995.
- _____. *O senhor dos anéis*. Tradução de Lenita Maria Rímoli Esteves e Almiro Pisetta. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- Toury, Gideon. The nature and role of norms in translation. In *The translation studies reader*. 1. ed. Nova York: Routledge, 2000.